

— Pode entrar!

Uma frase comum que provavelmente já escutamos várias vezes ao entrarmos numa casa ou quarto.

Sputnik, misterioso e enigmático músico da Suécia, autor solo do projeto musical Weatherday já reconhecido em alguns nichos e comunidades virtuais underground, ressignificou a frase no álbum *Come In* (2019) e a trouxe para um contexto reflexivo e íntimo.

Composto ao longo de diversas semanas em seu próprio quarto e em uma cabine nas montanhas suecas e gravado em um mero microfone de computador a obra tem uma forte essência lo-fi, caracterizado pela ausência de grandes equipamentos para composição e/ou gravação resultando em um produto que valoriza as imperfeições do processo criativo e abraça o bruto e rústico.



É possível que a escolha de produção de baixa fidelidade crie um empasse na degustação auditiva da música, mas muitos dos elementos caóticos e barulhentos da obra trabalham a favor de uma experiência musical mais crítica e menos cínica. A valorização do erro humano prevalece ao longo do projeto optando por manter alguns vocais desafinados ou trêmulos e algumas notas tocadas fora do ritmo no produto final, colaborando na hora transparecer a angústia e outros sentimentos do narrador.

Baterias que explodem, guitarras que rasgam, baixos que arrastam e os vocais que proclamam em alto e não-tão-bom tom mensagens sobre identidade, relacionamentos tóxicos, autorreflexão e tragédias pessoais.

A primeira faixa compartilha o nome com o álbum e com a primeira frase falada, seguida de solos de guitarra frenéticos que iniciam com força o projeto. A frase “Come In” (traduzido para “pode entrar”) não é levada ao literal como se fossemos entrar em uma casa ou quarto, mas sim adentrarmos no espaço pessoal de um indivíduo. À vista disso, o narrador nos permite entrar em sua vida.

Sendo assim, após adentrar na vida do narrador, as demais faixas do álbum contam a história do narrador e sua amante Agatha em um relacionamento turbulento, unilateral e com diversas falhas. Notavelmente, a faixa *My Sputnik Sweetheart* faz referência ao livro de mesmo nome de Haruki Murakami que descreve a frase “Sputnik Sweetheart” como companheiros de viagem que mesmo juntos, são solitários, presos e destinados a ir a lugar nenhum.

A obra é contada de forma episódica e ao decorrer da mesma, apresenta as mais diversas expressões sonoras e arpejos que na faixa final Porcelain Hands fazem um retorno intenso que amarra a obra e a fecha com chave de ouro.

Sputnik classificou Come In em seu Bandcamp também como LGBT e comenta sobre a obra ser alinhada com temas de gênero, sexualidade e cultura queer. A expressão de identidade sexual e de gênero através da música é comentada no artigo Music and Sexuality (2013) e Stephan Pennington faz menção a artistas que abertamente demonstram uma variação de gênero e sexualidade através de vocais e maneirismos para sinalizar características queer, bem como Sputnik é capaz de executar um amplo leque de vocais tanto masculinos quanto femininos.

Sputnik demonstrou ser um artista extremamente reservado e misterioso optando as vezes por não dar respostas concretas sobre sua vida ou suas canções deixando a interpretação de diversas letras para serem feitas pelos ouvintes e leitores.